

# A EXPRESSÃO DE POSSE REFERENTE À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO DIALETO AFRO-BRASILEIRO DE HELVÉCIA - BA

Silvana Silva de Farias Araujo\*

## 1. INTRODUÇÃO

No que se refere ao sistema de posse no português do Brasil, tem sido muito estudado o uso variável referente à terceira pessoa do discurso, em que se alternam formas sintéticas, como *seu* e flexões, e analíticas, como *dele* e flexões, e também, como demonstra Kato (1993), uma forma zero. Neste estudo, porém, não trataremos da posse referente à terceira pessoa do discurso; só que também investigaremos a variação entre formas sintéticas e analíticas, ao focalizarmos a posse referente à primeira pessoa do discurso no plural.

A escolha por particularizar a análise na referência a essa pessoa do discurso deu-se por que objetivávamos verificar se a perda de caso morfológico dos pronomes possessivos, que ocorre na referência à terceira pessoa do discurso, também se verificava para outras pessoas dentro do mesmo sistema de posse. Segundo, por que também objetivávamos analisar a correlação entre o sistema de referência à pessoa do discurso e a referência à posse, em que se pode deduzir que o processo de mudança verificado naquele (a saber, *nós/a gente*) gere reflexos neste (*nosso/ de nós/ da gente*), corroborando, assim, o que afirma Labov (1972) sobre os processos de mudança em cadeia.

A hipótese inicial que orientou este estudo, fundamentado na Sociolinguística Variacionista, foi a de que, no *corpus* observado, a representação de posse em referência à primeira pessoa do plural, teriam uso majoritário com as formas analíticas. Essa hipótese foi aventada pelo fato de que as amostras de fala que forneceram os dados para esta pesquisa serem de falantes descendentes de africanos, habitantes da comunidade rural de *Helvécia*, local em que outrora apresentou uma grande concentração de negros africanos que viviam de forma semi-isolada. Assim, na fala desses informantes afro-brasileiros percebem-se marcas típicas de entidades lingüísticas que passaram por um processo intenso de contato entre línguas no seu processo de formação. Desse modo, esperávamos encontrar majoritariamente as formas analíticas, já que, conforme apontam os estudiosos da criolística, é uma constante nos casos de misturas entre línguas a variação ou perda de marcas morfológicas (cf. Baxter e Lucchesi, 1997).

## 2. O MODELO TEÓRICO: A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

De acordo com o modelo sociolinguístico, a língua falada é um sistema heterogêneo, o qual se relaciona com variáveis sociais (gênero, faixa etária, etnia, grau de escolaridade, grau de formalismo etc) e, é a partir de processos de variação observados ao longo do tempo, que ocorrem mudanças no sistema lingüístico. Por sinal, esse processo de mudança constitui uma intrigante questão para a ciência da linguagem, Labov (1994, p. 50) relata que uma das questões para a qual os lingüistas ainda não encontraram uma resposta é o mecanismo pelo qual as línguas evoluem e mudam.

Nesse sentido, o modelo sociolinguístico veio dar um grande impulso à teoria da mudança lingüística, já que as tentativas anteriores, pautadas nos modelos estruturalista e gerativista, e trabalhando com visão de sistema homogêneo, não conseguiram esclarecer o porquê de uma estrutura que funcione de

---

\* Mestranda, no Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística, da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Dante Lucchesi.

forma tão organizada, sendo um excelente instrumento de comunicação, esteja sempre sujeita a um contínuo processo de mudança.

Assim, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística. Toda a análise sociolinguística passa então a ser orientada para as variações sistemáticas, inerentes ao seu objeto de estudo, a comunidade de fala, concebidas como uma heterogeneidade estruturada. Não existe, portanto, um *caos lingüístico*, cujo processamento, análise e sistematização sejam impossíveis de serem processados.

As formas em variação, formas intercambiáveis, recebem o nome de “variantes lingüísticas”, e o conjunto de variantes, de variável lingüística. A variável subdivide-se em variável lingüística dependente e independente. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, *a aplicação da regra de concordância nominal*, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores lingüísticos (estruturais) ou sociais (extralingüísticos). Tais fatores constituem as **variáveis explanatórias ou independentes**.

Desse modo, um estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema lingüístico, possui na realização de uma ou de outra variante.

### 3. O TEMA

O sistema de posse é descrito nas gramáticas tradicionais e normativas como um sistema bem simples e em equilíbrio, com uma correspondência direta dos pronomes pessoais sujeitos com os pronomes adjetivos possessivos. Tomando como ponto de partida tais quadros, vários comentários poderiam ser feitos, a exemplo do uso praticamente extinto da forma *vosso* e flexões, na fala e até na escrita; o uso variável da forma possessiva de segunda pessoa do singular, em que *teu* e flexões intercambiam com *seu* e flexões e ainda com *de você (s)*<sup>1</sup>. Mas, para o objetivo deste trabalho, destacamos o fato de as gramáticas tradicionais apresentarem para todas as pessoas um pronome adjetivo possessivo correspondente, ou seja, marca morfológica própria para cada pessoa, em que se têm exclusivamente formas sintéticas.

Tais descrições divergem dos estudos lingüísticos realizados sobre a temática. Neves (1993), por exemplo, em um texto sobre o sistema de posse no português do Brasil, ao analisar dados do NURC, mostra que a relação de posse no PB pode ser expressa não só pelo elemento formalmente possessivo (o pronome adjetivo possessivo), mas também pelos sintagmas *de + nome* e *de + pronome pessoal*. Entretanto, diante do fato de que, em seus dados, não houve ocorrências com *de + pronome pessoal* de primeira e segunda pessoa, a não ser na forma de pronome de tratamento (*de você, do senhor* etc), a autora reformula sua descrição, afirmando que a posse no PB pode ser expressa pelo elemento formalmente possessivo, pelos pronomes pessoais de terceira pessoa e de tratamento ou pelos sintagmas *de + Nome*.

Diante de tal descrição, é importante apresentar a colocação que faz Kato (1985, p. 108), questionando a abordagem funcionalista de Perini, que afirma que construções como *pai de mim, pai de nós* seriam agramaticais, uma vez que, as formas *meu* e *nosso* não são ambíguas, e que, portanto, o sistema não teria necessidade de ser alterado. Para a pesquisadora gerativista, as restrições apontadas para as construções como *de eu, de mim, de tu, de ti, e de você* só o são em relação ao uso, sendo os exemplos asteriscados apenas não ocorrentes ou de baixa produtividade.

Não discutindo, por enquanto, a gramaticalidade das construções expostas acima, devemos admitir, no entanto, que o sistema dos possessivos encontra-se num difícil equilíbrio entre duas formas: a

<sup>1</sup> Há divergências quanto ao uso da expressão genitiva *de você*. Alguns autores a consideram agramatical, a exemplo de Perini (1985), que só considera gramatical a forma de vocês, devido a razões estruturais.

conservadora, que insiste em manter as características originais do sistema (ou seja, o que estamos chamando de formas sintéticas) e a inovadora (as formas analíticas), o que, segundo Monteiro (1994, p. 210), confere aos pronomes os mesmos traços dos nomes em geral.

Tendo em mente a posse referente à primeira pessoa do plural, real objeto deste estudo, poderíamos acrescentar que a forma genitiva *de nós* é avaliada negativamente pelos usuários da língua, pelo menos no que se refere aos usuários da língua culta ou da variante urbana. Mas, o que esperar da análise de inquéritos gravados em uma comunidade em que os informantes estão sem a influência da escolarização e cujos ancestrais foram afetados por um processo de transmissão lingüística irregular devido à grande concentração de africanos na região?

A resposta a essa questão não é fácil de ser obtida, visto que para uma resposta convincente da mesma faz-se necessário considerar-se uma série de outras questões que englobam aspectos lingüísticos e sócio-históricos. Na seção 4 deste artigo, será esboçada uma hipótese para a diacronia do dialeto de Helvécia, a qual esperamos contribuir para a explicação da representação de posse da primeira pessoa do plural, principalmente, no que tange a um dialeto afro-brasileiro, podendo, certamente, sua explicação estender-se para outras variedades populares do português do Brasil.

### 3.1. CORRELAÇÃO DO SISTEMA DE REFERÊNCIA PESSOAL COM O SISTEMA DE POSSE

A introdução do par *você/vocês* como formas concorrentes dos pronomes sujeitos canônicos *tu/vós* geraram reflexos no sistema pronominal como um todo, afetando não somente essas formas de pronomes sujeito, mas também as formas de representação dos clíticos e dos possessivos, visto que são correlacionados. Por conseguinte, é lícito postular que qualquer mudança no quadro dos pronomes pessoais repercuta de forma generalizada, alterando os recursos utilizados para exprimir a relação de posse.

Assim, cabe examinarmos a variação entre o uso de *nós* e *a gente* na representação de pronomes pessoais. Sabemos que o uso da forma *a gente*, com função de sujeito para referendar a primeira pessoa do plural do discurso estar se tornando bastante freqüente na fala informal, assumindo característica de um pronome sujeito, contrariando o que prega a gramática normativa, conforme observou Lopes (1999).

O uso não estigmatizado da forma *a gente*, com os traços [1ª pessoa] e [+pluralidade], em que não se exhibe a concordância cruzada, isto é, o uso da forma *a gente* com flexão verbal de primeira pessoa do plural foi objeto de estudo de Omena (1996a). A pesquisadora, utilizando a metodologia variacionista, mostra que essa forma, que antes era usada para nomear um agrupamento de pessoas afins, passou a designar a primeira pessoa do discurso, no singular e no plural, havendo, portanto, uma modificação quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista gramatical, concluindo, a partir de seus dados, obtidos a partir de inquéritos do PEUL (*Programa de Estudos de Usos da língua*), que o uso da forma *a gente*, na função de sujeito, constitui um caso de mudança em progresso, com os mais jovens utilizando-a com um percentual muito alto, 87%, seguidos dos percentuais de 67% e 51%, respectivamente, nas faixas mediana e idosa. Dados que a permite afirmar que a forma inovadora *a gente* está se implementando no sistema de referência pessoal, na norma urbana. Essa constatação foi confrontada com os nossos dados e apresentaremos os resultados na seção 4 deste artigo.

Machado (1995) também investigou a variação entre *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, tendo dados representativos do português popular falado nos dialetos populares norte-fluminenses, retirados do arquivo sonoro do Projeto APERJ (*Atlas Etnolingüístico dos Pesquisadores do Estado do Rio de Janeiro*), e encontrou algumas variáveis independentes de comportamento significativos para a variável, que serão retomadas posteriormente, e também confrontados com os nossos resultados.

Já na norma culta, Freitas e Albán (1986), ao examinarem o uso de *nós/ a gente* na cidade de Salvador, constataram que a faixa etária é o fator mais favorecedor da forma *a gente*, sendo os informantes

mais jovens os que mais usam essa forma inovadora, na ordem de 79%, ao passo que os mais velhos usam-na na proporção de 65%.

Monteiro (1994, p.150), procurando examinar a implementação do uso da forma *a gente* no sistema de pronomes pessoais, realizou uma pesquisa nos inquéritos do NURC, das cinco capitais onde foram gravados, e concluiu que na norma culta ainda não se atingiu o mesmo nível de aceitação que se verifica na fala popular, uma vez que, em seus dados verifica-se que a preferência é de 62% para o pronome *nós*.

### 3.2. A FORMA POSSESSIVA DA GENTE

Diante do exposto, em que se tem um alto índice de ocorrência da forma *a gente* para a referência à primeira pessoa do plural, principalmente na norma popular, espera-se que a forma possessiva *da gente* seja implementada gradualmente no sistema de posse do PB.

Observando os estudos variacionistas sobre a posse referente à primeira pessoa do plural no PB, infelizmente, não tivemos conhecimento de estudos que tenham tomado como amostras o português popular. Já quanto à norma culta, temos os trabalhos de Neves (1993) e Monteiro (1994), que servem como ponto de partida para a nossa análise.

Neves (1993, p. 165) afirma que a posse referente à primeira pessoa do plural tem como forma específica o pronome *nosso* e flexões, pois, em seus dados, este ocorreu 42 vezes no *corpus* mínimo do NURC, enquanto a forma alternativa *da gente* aparece apenas 5 vezes.<sup>2</sup> Curiosamente, em sua gramática de usos do português, cuja primeira edição data de 2000, a autora não demonstra esse uso variável.

Monteiro (1994, p. 206) coaduna com a visão da autora, pois explicita que, embora a forma genitiva *dele* seja bem aceita na norma culta como alternativa para a referência à terceira pessoa, outras expressões genitivas, como *da gente* e *de vocês* não parecem ameaçar a forma sintética correspondente. Para o primeiro caso, o autor admite, no entanto, que aquela forma inovadora ocorre infimamente em seus dados (em inquéritos do NURC), criando um paralelismo com a forma *a gente*, e apresenta, entre outros os seguintes exemplos: “*a gente pára aquela vida cotidiana da gente.*”; “*a gente sempre levava o livro da gente para estudar.*”

Dado o exposto, vê-se que, no que se refere à norma culta, a expressão *da gente* vem se implementando timidamente no sistema de posse no Português do Brasil. Na seção seguinte, será evidenciado o comportamento dessa variante em um dialeto do português popular do PB.

## 4. A VARIAÇÃO EM HELVÉCIA

Os dados que constituem o *corpus* da pesquisa foram selecionados de 12 inquéritos fônicos do *Projeto Vertentes do Português Popular no Estado da Bahia*, sediado na UFBA ([www.vertentes.ufba.br](http://www.vertentes.ufba.br)), gravados no ano de 1994, e, gentilmente nos cedido pelo professor Dr. Dante Lucchesi, coordenador do Projeto. Os informantes foram selecionados de acordo com as seguintes variáveis sociais: idade (jovem, mediana e idosa), estadas fora da comunidade e gênero, com um informante para cada célula.

No estabelecimento da hipótese deste estudo, primeiramente, presumimos que, no passado (início do século XIX até início do século XX, quando se originou a comunidade de Helvécia com a criação da Colônia Leopoldina), os ancestrais dos informantes que forneceram os nossos dados tiveram como modelo de pronome pessoal sujeito de primeira pessoa do plural, o pronome *nós*, visto que essa era a forma empregada por falantes do português a que esses africanos contataram no seu processo inicial de socialização na comunidade, mas que, posteriormente, essa forma pronominal passou a sofrer a concorrência com a forma analítica *a gente*.

<sup>2</sup> É interessante um exemplo da autora (1993, p. 210): “*a gente andava de bicicleta, era o esporte predileto nosso*”, por permitir se vislumbrar a alternância entre *nós* e *a gente* e sua relação com o sistema de posse.

Quanto ao possessivo relacionado ao pronome sujeito *nós*, aventamos a hipótese de que deve ter havido a forma analítica *de nós*, na fala dos primeiros africanos aprendizes da língua portuguesa, pautando-nos no fato já mencionado anteriormente, de que, nos casos de contato entre línguas, geralmente ocorre perda de caso morfológico dos pronomes complementos e possessivos, pois a morfologia é a parte da gramática da língua lexificadora que mais sofre alterações, de modo a ser simplificada, notadamente, no que tange ao processo morfológico da flexão. Assim, no dialeto inicial de Helvécia, devem ter existido construções como: “*Nós trabalha muito*”; “*Essa casa é de nós*”; “*casa de nós é pequena*”. Essa forma com característica marcadamente criouliizante, mais tarde, passou a sofrer um processo de variação com as formas inovadoras *nosso* e *da gente*.

Nesse sentido, contribuiu para a formulação da nossa hipótese o trabalho de Almada (1961), pesquisadora portuguesa que descreveu os principais dialetos crioulos falados nas ilhas do arquipélago de Cabo-Verde. Segundo a sua descrição, estão presentes nesses falares, formas sintéticas, que se assemelham as formas portuguesas, [nos] e [nose], mas também formas analíticas, numa evidente mistura do sistema de pessoais sujeitos e dos possessivos, conforme as formas [d nos], [di nos], usadas, respectivamente, nos crioulos da ilha São Vicente e de Sotavento, bem como, formas como [nof]; [noš] (São Vicente e Santo Antão) e [nos] (São Nicolau e Sotavento), em que os pessoais: [nof]; [noš] (São Vicente e Santo Antão) e [nos] (São Nicolau e Sotavento) fazem o papel de possessivo, pois esses são usados na função de pronome possessivo adjetivo, conforme o exemplo, modificado, de Almada (1961, p. 141): [nof *Kaza* e *müt* *sab*] <> (a nossa casa é muito agradável).

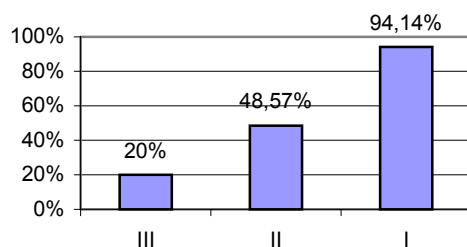
#### 4.1. A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS *NÓS* E *A GENTE*

Dessa maneira, partindo da hipótese de que os pronomes possessivos estão correlacionados com os pronomes pessoais, procuramos primeiramente investigar como se apresentava no dialeto de Helvécia a implementação da forma inovadora *a gente*, na função sintática de sujeito, cujos resultados encontram expostos na tabela 1:

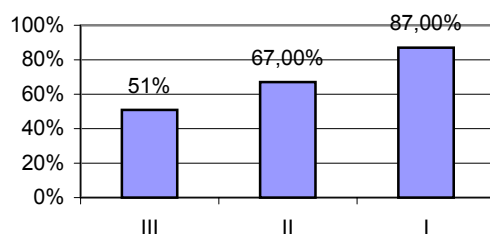
**Tabela 1** - Distribuição das ocorrências de referência à primeira pessoa do discurso no plural (*nós* e *a gente*) na função sintática de sujeito entre as faixas etárias dos informantes de Helvécia – Ba

Faixas etárias	Pronomes sujeitos				Total
	<i>Nós</i>		<i>a gente</i>		
	nº de ocor.	%	nº de ocor.	%	
Faixa I (20 a 40 anos)	15	5,86	241	94,14	256
Faixa II (41 a 60anos)	72	51,4	68	48,57	140
Faixa III (mais de 60 anos)	100	80,0	25	20,0	125
<b>TOTAIS</b>	<b>187</b>	<b>35,9</b>	<b>334</b>	<b>64,1</b>	<b>521</b>

A partir da observação da tabela 1, vemos que a variação em foco encontra-se bem estratificada, indicando um processo de mudança em progresso, já que o ápice da variante inovadora – a forma *a gente* – encontra-se entre os falantes mais jovens, em número bem superior ao uso da forma conservadora *nós*, sendo, pois, um claro processo de mudança, conforme se pode depreender a partir da leitura do gráfico 01, a seguir:

**Gráfico 1** - Uso de *a gente*, na função sintática de sujeito, entre as faixas etárias, em Helvécia - Ba

Dos números expostos na tabela 1 e no gráfico 1, constatamos que o uso de *nós* e *a gente*, na função de sujeito, está condicionado ao fator idade, aliás, foi a essa conclusão que chegaram alguns dos pesquisadores que observaram essa variação. Mas, o ressaltamos nesses dados é o quadro de variação bem delimitada no dialeto em questão, principalmente, quando o comparamos com os resultados apresentados por outros autores para o mesmo fenômeno. Omena (1996), por exemplo, ao investigar a variação entre *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, tendo como informantes falantes da cidade do Rio de Janeiro, com escolarização que varia de ensino fundamental incompleto a ensino médio completo (*corpus* do PEUL), encontrou um processo de mudança menos acentuado daquele que se vê em Helvécia, conforme o gráfico 02:

**Gráfico 2** - Uso de *a gente* na função sintática de sujeito, entre as faixas etárias, nos dados do PEUL

Ainda comparando os resultados dos dados de Helvécia com o resultados de outros trabalhos, realizados a partir de *corpus* de dialetos urbanos, salientamos que Machado (1995), utilizando a fala de pescadores do interior do Rio de Janeiro, encontrou um percentual também alto para a forma *a gente*, 73%, mas com valores probabilísticos muito próximos entre as faixas etárias. Na mesma direção está o trabalho de Lopes (1999, p.166), realizado a partir de inquéritos do NURC da década de 70 e de 90, uma vez que, os seus dados demonstram um processo de mudança em direção a forma *a gente* no sistema de referência pessoal, mas não tão acentuado quanto no dialeto de Helvécia, pois a autora, ao comparar as duas sincronias, obteve percentuais também não tão acentuados como os de Helvécia.

Diante dos resultados das referidas pesquisas, postulamos que, no dialeto de Helvécia, a forma inovadora *a gente* é assimilada por meio da adoção de padrões lingüísticos de fora da comunidade, tendo entre os mais jovens, uso quase categórico; ressaltamos que esses são os menos afetados pelo processo de transmissão lingüística irregular, devido ao aumento progressivo do contato com pessoas de fora da comunidade, quer seja pelas viagens ou pela diminuição das fronteiras entre o rural e o urbano que marcou, principalmente, as últimas décadas do século passado. Essa inferência permite explicar por que o uso de *a gente*, na função sintática de sujeito, no dialeto de Helvécia, encontra-se com índice percentual mais baixo do que nos outros dialetos, com índice percentual de 64%, uma vez que lá se verifica um conservadorismo nas faixas III e II, apresentando índices bastante favorecedores ao uso de *nós*.

Ainda tendo como foco o uso das formas *nós* e *a gente*, investigamos que outras funções sintáticas são exercidas pela forma *a gente*, no dialeto em questão, e constatamos que tais formas podem exercer função de complemento verbal, de adjunto adverbial e adnominal e ainda de complemento nominal, cuja quantificação dos resultados encontra-se exposta na tabela 2, a seguir:

**Tabela 2** - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* em contextos de complementos e de adjuntos entre as faixas etárias dos informantes de Helvécia - Ba

	OD/OI/ADV		ADN/CN		TOTAL	
	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
<b>Faixa I</b>	01 5%	18 95%	- 0%	16 100%	01 3%	34 97%
<b>Faixa II</b>	04 23,5%	13 76,5%	01 12,5%	07 87,5%	05 20%	20 80%
<b>Faixa III</b>	03 33,3%	06 66,6%	02 14,2%	12 85,7%	05 22%	18 71%
<b>Total</b>	08 17,8%	37 82,2%	03 7,9%	35 92,1%	11 13%	72 87%

Frente aos resultados expostos na tabela 2, concluímos que a forma *nós* e *a gente*, no dialeto de Helvécia, fazem o papel, que, na norma culta, seriam preenchidas por pronomes oblíquos e possessivos. Quanto à comparação entre os resultados das duas tabelas, verificamos que, mesmo na faixa etária III, a que apresenta mais ocorrências da forma *nós* para a representação de sujeito, conforme Tabela 1, as funções sintáticas de adjuntos e complementos é realizada predominantemente pela forma *a gente*, ou seja, essa forma foi implementada primeiramente na função de adjunto adnominal e de complemento nominal do que na de sujeito, diferindo dos resultados de pesquisa semelhante realizada por Omena (1996a), expostos na tabela 3:

**Tabela 3** - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* em contextos de sujeitos, complementos e de adjuntos entre os grupos etários dos informantes do PEUL (cf. Omena, 1996a)

	OD/OI/ADV		ADN/CN		SUJ	
	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
<b>Adulto</b>	70/219 32%	149/219 68%	177/221 80%	44/221 20%	609/2063 30%	1454/2063 70%
<b>Jovem/Criança</b>	3/77 4%	74/77 96%	28/43 65%	15/43 35%	113/638 18%	525/638 82%
<b>Total</b>	73/296 25%	223/296 75%	205/264 78%	59/264 22%	722/2701 27%	1979/2701 73%

A partir dos resultados expostos nas tabelas 2 e 3, em que se pode comparar a implementação da forma *a gente*, nas variedades urbanas e rurais, podemos constatar que nessas ocorre diferente comportamento da variante, com um processo diferenciado de propagação da mudança, pois, enquanto os dados de Omena (1996) demonstram, como contextos menos resistente à mudança, aqueles em que a forma exerce as funções sintáticas de sujeito e oblíquo, os nossos dados evidenciam um processo contrário, ou seja, a implementação apresentando mais resistência justamente nos contextos de função sintática de sujeito. O quadro 2 permite melhor vislumbrarmos esse confronto:

**Quadro 2** - Confronto da mudança lingüística da forma *a gente* em dados representativos da variedade rural e urbana

Rural	Genitivo > Oblíquo > Nominativo 92,1% > 82,2% > 64,1%
Urbano	Nominativo/ Oblíquo > Genitivo 73%/ 75% > 22%

Podemos afirmar, a partir dessas conclusões que, no processo de formação do Português do Brasil, houve um processo diferenciado de formação de suas variedades, com forte influência do contato entre língua na formação das variedades populares, pois o que esses dados levam a crer é que, no dialeto de Helvécia, naqueles contextos sintáticos “mais gramaticais”, em que se exigiria mais flexão morfológica, a exemplo de uso da forma *nos*, *nosso* e *conosco*, o falante opta pela forma *a gente*, conforme os exemplos (1) “*Eles dava o tratô prá gente...*”(HV04) [Objeto indireto]; (2) “*... aí fica tudo seno os freguês, amiga... convida a gente...*”(HV01) [Objeto direto]; (3) “*(...) A mãe da gente, ia tomá conta, ia prá lá e voltava.*”HV20 [Adjunto adnominal].

A verificação exposta acima oportuniza uma interessante contribuição para os estudos sobre a categoria de concordância no Português do Brasil, uma vez que, já foi postulado por diversos autores, a exemplo de Galves (1998), que uma justificativa para o enfraquecimento da categoria de concordância no PB, entre as quais a perda da morfologia flexional, seria a introdução da forma *a gente* no paradigma de pronomes pessoais, pois o que vemos no caso do dialeto afro-brasileiro é o uso da forma *nós* (a mais conservadora), na função sintática de sujeito, predominando entre os mais velhos, conforme tabela 1, mas que, mesmo nessa faixa etária, o uso da forma *da gente* como forma possessiva é predominante, conforme tabela 2, da mesma forma a concordância verbal não é realizada.

Por conseguinte, ratificamos a proposta de Lucchesi (2000, 2001) a respeito da realidade lingüística brasileira como um processo bipolarizado, com dois processos distintos de formação, que se refletiria no seu estado atual: um mais próximo ao padrão lusitano e outro que se desenvolveu paralelamente ao projeto colonialista europeu; a segunda variedade seria mais livre da imposição normativa, e com forte influência do processo de aprendizagem precária do português por índios e africanos, estes tendo como objetivo máximo o estabelecimento da comunicação, teriam implementado a mudança naqueles contextos em que se exigiria maiores conhecimentos da estrutura da língua, como, por exemplo, da sua morfologia flexional.

#### 4.1.1 REFLEXOS NO SISTEMA DE POSSE: VARIAÇÃO ENTRE *DE NÓS/ NOSSO (a) (s)/ DA GENTE*

O processo de mudança inferido para a expressão de posse referente à primeira pessoa do plural na história do dialeto de Helvécia é o seguinte: a forma *de nós* representa a forma arcaica e com característica mais crioulizante; essa forma teria, graças ao processo ininterrupto e maciço de urbanização da população brasileira nas últimas décadas do século XX, passado a sofrer concorrência com as formas *nosso* (com flexão de genitivo) e *da gente* (decorrente da mudança *nós* > *a gente*), que seriam formas inovadoras, sendo a primeira, a mais padrão.

Dessa forma, expomos a seguir os resultados gerais para a ocorrência das três variantes encontradas, que apresentam uma preferência de uso à forma *da gente*, como já expomos, diferindo do que afirmam outros estudiosos, a exemplo de Omena (1996, p.191) “A forma *a gente* está começando, porém, a atingir o uso do possessivo na função adnominal, onde ainda predomina o uso de *nosso*”. :



**Tabela 4** - Distribuição geral das ocorrências das formas *de nós*; *nosso (a) (s)*; *da gente* na comunidade de fala de Helvécia-Ba

<i>da gente</i>	<i>nosso (a)(s)</i>	<i>de nós</i>
32/54 59%	20/54 37%	2/54 4%

O baixo índice de ocorrência da forma *de nós* é justificável, pois essa forma seria um vestígio da história do dialeto marcada pelo contato de africanos com a transmissão irregular do português, que, devido à assimilação de comportamentos lingüísticos e sociais urbanos, estaria se perdendo. Esse uso original de formas analíticas no sistema de posse, talvez, tenha influenciado a implementação mais rápida da forma *da gente*, (uma forma analítica, também, que estaria em processo inicial de implementação nas variedades urbanas), mas, que na estrutura lingüística do dialeto teria dito encontrado um contexto menos resistente. Assim, em nossa investigação, serão consideradas sentenças com marcação de posse construções como: (04) “Porque a nossa criação que minha mãe me criô num é igual agora”.(HV09); (05) “E mantê o ... as família da gente no dia-a dia”.(HV04); (06) “(...) se papai de nós, governo, num dé esse dinhêro, nós num come”.(HV3); (07) “(...) A próxima era ... da gente...”(HV02); (08) “É sim, fica aí, né, aqui mesmo até ... são nosso mesmo e (...) (HV12).

Foram consideradas doze variáveis explanatórias, das quais nove são de natureza lingüística e três, sócio-cultural. Das variáveis averiguadas, tiveram comportamento significativo em favor do uso da forma analítica, *da gente*, as seguintes listadas em ordem decrescente de relevância: a) correlação com o pronome pessoal sujeito; b) paralelismo formal no nível de representação de posse; c) função sintática do SN, natureza da posse, se coletiva ou distribuída; d) gênero; e) faixa etária; f) estadas fora da comunidade; g) presença de determinantes no SN. Não apresentaram resultados significativos as variáveis referencialidade da posse, se genérica ou específica; traço semântico do possuído; característica da posse: inalienável, material ou abstrata; presença de núcleo, por exibirem números de ocorrências muito próximos.

Uma variável explanatória que se mostrou muito relevante para o entendimento da sistematização da variação foi a da **correlação do pronome pessoal com o possessivo**, pois os dados revelam que o falante tende a usar a forma de referência possessiva inovadora *da gente* quando também faz uso da forma inovadora de referência pessoal *a gente*. É revelador o uso categórico de *da gente* precedido por *a gente*, com percentual de 100%, fazendo-nos supor que o paralelismo formal no nível discursivo, que condiciona a referência pessoal à primeira escolha do falante, ou seja, o uso de *a gente* precedido por *a gente*, também esteja atuando na referência possessiva. Os resultados da investigação para essa variável explanatória encontram-se expostos a seguir na tabela 5, a seguir:

**Tabela 5** - Formas de expressão de posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável correlação com o pronome pessoal sujeito

Expressão de referência pessoal	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso (a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	nº.de ocor./T	%	nº.de ocor./T	%	nº.de ocor./T	%
Precedido por <i>a gente</i>	-	-	12/12	100	-	-
Precedido por <i>nós</i>	6/10	60	3/10	30	1/10	10
<b>TOTAL</b>	6/22	27	15/22	68	1/22	5

Intimamente relacionada à variável exposta acima, está a variável **paralelismo formal no nível de referência possessiva**. Postulamos a hipótese de que a primeira ocorrência de uma forma condicionaria as subsequentes, como nos exemplos (09) “Vinha embora os trabalho da gente e da folga da gente que era num domingo, assim, que dava folga (...)”(HV07) e (10) “(...) são nosso mesmo e nosso pessoá tudo, mora comigo, né?”(HV12)

A hipótese foi comprovada, pois, como se pode depreender a partir da observação da tabela 6, para a primeira menção, os valores percentuais para o uso das duas formas se aproximam entre si e do valor neutro, 50%, ou seja, o falante tanto pode optar por *nosso* ou por *da gente*, com uma leve tendência para o uso desta última; mas, a partir do momento em que define a forma inicial de referência à posse, tende a mantê-la nas próximas orações. Já quanto ao uso das formas sintéticas, formada pelo possessivo *nosso* e flexões, constatamos que o falante tende a repeti-lo, quando possui em sua gramática e o usa inicialmente, porém, o uso não chega a ser tão categórico como o contexto de precedência de *da gente*. Infelizmente, para a forma *de nós*, não podemos chegar a grandes conclusões no que diz respeito a essa variável, porque as duas ocorrências encontradas estão no contexto de primeira menção, além de serem de número baixíssimo e encontrado em um único informante. A tabela 6, a seguir, apresenta as ocorrências seguidas dos seus percentuais, que permitem uma melhor visualização da variável:

**Tabela 6** - Formas de expressão de posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável correlação com o pronomes possessivos

Expressão de referência pessoal	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso(a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%
Primeira menção	17/46	37	27/46	59	2/46	4
Precedido por <i>da gente</i>	-	-	4/4	100	-	-
Precedido por <i>nosso(a) (s)</i>	$\frac{3}{4}$	75	1/4	25	-	-
<b>TOTAL</b>	20/54	37	32/54	59	2/54	4

Outra variável que consideramos foi a **função sintática do sintagma nominal com a forma possessiva**. Consideramos a função sintática de todo o SN que contém a referência possessiva; desse modo, o exemplo (11) “*Nossa vida*” é o SN que exerce função de sujeito na oração, do mesmo modo que *da gente*, em (12). Já, em (13) e (14), a expressão *da gente* exerce função de adjunto adnominal. Eis os exemplos: (11) “*Nossa vida tem que se perdida. Agora, quem que chorá chora, quem num que fica assim ININT*”.(HV22) ; (12) “*É, Vitória também é ótimo, agora a gente preferia o Rio porque, assim, uma da gente já mora lá, né?*”(HV01); (13) “*Me levaro em casa, era até na casa de uns parente da gente aí, me levo, aí correu pa chamá carro.*”(HV03); (14) “*Num pode ficá saindo só, assim, andando, então a gente tem de fica(r) mais aqui dentro da casa da gente mehmo.*”(HV07).

A conclusão a que chegamos, foi a de que a forma *da gente* é favorecida em todos os contextos sintáticos, excetuando a de sujeito da oração, como no exemplo (12), o que sugere que, nessa posição, as formas possessivas vêm sendo empregadas envolvendo a pessoa do discurso, como uma informação conhecida (sabemos que funcionalmente o sujeito é tido como sendo de papel temático, por conter informação conhecida), por isso varia em iguais proporções de ocorrência. Já, no que diz respeito às outras funções, vemos que as funções de complementos verbais, que veiculam informações novas, são mais altamente favorecedoras das formas analíticas, por serem de característica mais especificadora.

Quanto à variável **natureza da posse, se distribuída ou coletiva**; consideramos distribuída aquela em que se tem um ou mais possuído, com possuidores diferentes, para a qual um bom exemplo seria a construção que envolve partes do corpo, conforme o exemplo (15) “*Aí ININT eles prendia a cabecinha da gente, aí, assim, ó, sungava aquele vestidinho, ó, cortava no coro*”. HV13 HMN . Já a posse coletiva diz respeito àquela em que se faz referência a um ou mais possuídos com possuidores em comum, conforme o exemplo (16) Ah! Morar junto assim, mas, na casa da gente mesmo, não, né? (HV03)

Os resultados para essa variável estão expostos na tabela 8, a seguir:

**Tabela 8** - Formas de expressão de posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável natureza da posse

Natureza da posse	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso (a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%
Coletiva	16/35	46	17/35	49	2/35	6
Distribuída	4/19	21	15/19	79	-	-
<b>TOTAL</b>	20/54	37	32/54	59	2/54	4

Como se pode ver, a posse distribuída mostrou-se como contexto favorecedor da expressão analítica, o que, de certa forma, relaciona-se com os resultados expostos na tabela 7, pois quando se tem posse coletiva, o SN com a forma possessiva assume mais característica de sujeito, formando o que a teoria da gramática gerativa denomina de DP. Já a forma *da gente* passa a atuar como um especificador de referentes, semelhantemente ao que ocorre quando se trata de posse referente à segunda pessoa, conforme nota 1 deste artigo.

Outra variável que investigamos foi a **presença de determinantes**. Essa variável mostrou resultados interessantes no que diz respeito às características crioulizantes do dialeto de Helvécia. Por serem os determinantes de pouca funcionalidade para o estabelecimento da comunicação e de pouca transparência semântico-referencial, essas estruturas, no passado, devem ter sido perdidas, de modo que essas não ocorreriam acompanhadas de formas possessivas com características mais crioulizantes. Estaria, nesses casos, atuando o *princípio da coesão estrutural*, postulado por Lucchesi (2000, p.140), segundo o qual existe maior propensão, nos processos de alternância de códigos, à coocorrência de estruturas provenientes de uma mesma gramática numa mesma porção da estrutura da sentença.

Desse modo, seguindo o princípio de coesão estrutural, não devem existir, no mesmo SN, a presença de determinantes e a forma *nosso* e flexões, mais próxima da língua alvo. Os exemplos (17) “Verdadeira Terra ***de nós*** é ***esse*** la’.” (HV13); (18) “*rochava em duas dobraØ mas corpo ***da gente*** ficava toda empoladinha. (...)* (HV13);

(19) “***A nossa*** criação foi essa”. (HV01) exemplificam o que foi dito acerca dessa variável, pois vemos que a ausência do determinante nos exemplos (17) e (18) é acompanhado de outras ausências, ao passo que a forma *nossa*, em (19) - com flexão de gênero e de marcação de genitivo - é acompanhada do determinante.

Na tabela 9, apresentamos os resultados encontrados na investigação dessa variável explanatória. A propósito, a nossa hipótese inicial para essa variável explanatória foi confirmada, uma vez que o uso da forma *nosso (a) (s)* é favorecido nos sintagmas em que os falantes utilizam concomitantemente os determinantes, em percentual de 71%. Da mesma forma, o uso da forma analítica *a gente* é favorecido quando se omitem os determinantes, na ordem de 64%. Já, quanto à forma *de nós*, a mais crioulizante, vemos que ela só ocorreu, em nossos dados, sem determinantes:

**Tabela 9** - Formas de expressão de posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável presença de determinantes

Presença de determinantes (artigos, numerais e demonstrativos)	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso (a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	Nº.de ocor./T	%	nº.de ocor./T	%	nº.de ocor./T	%
Com determinante	5/7	71	2/7	29	-	-
Sem determinante	15/47	32	30/47	64	2/47	4
<b>TOTAL</b>	20/54	37	32/54	59	2/54	4

As três variáveis sociais consideradas foram importantes para a sistematização da variação. É importante, neste momento, retomarmos algumas das questões comentadas na seção 2 deste trabalho, quando foram expostos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação. Inicialmente, ressaltamos que, de acordo com esse modelo, deve-se considerar as especificidades da comunidade observada, isto é, averiguar como, de fato, se estruturam as suas disposições históricas, culturais e ideológicas, quer sejam no eixo sincrônico ou diacrônico, evitando, assim, generalizações deslocadas, uma vez que, na Sociolinguística, busca-se investigar o peso de questões sociais na estrutura linguística da comunidade de fala (cf. Lucchesi, 2000, p.281). Por essa razão, teceremos breves comentários sobre essas disposições, à proporção que apresentarmos os resultados da análise das variáveis sociais de nossa pesquisa.

Para uma análise da variável **gênero do informante**, deve ser lembrado que o *corpus* que utilizamos é representativo de uma comunidade de fala rural semi-isolada e com fortes sinais para um processo de transmissão linguística irregular no seu processo de formação. Dessa forma, o papel desempenhado pelas mulheres na propagação e difusão da mudança, diferirá do que, normalmente, é postulado para comunidades urbanas, como, por exemplo, quando se afirma que as mulheres tendem à utilização de formas de prestígio, sendo mais sensíveis ao valor social das formas linguísticas.

A seguir, expomos os resultados para a variável gênero:

**Tabela 10** - Posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável gênero do informante

Gênero	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso (a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%
Feminino	6/27	22	19/27	70	2/27	7
Masculino	14/27	52	13/27	48	-	-
<b>TOTAL</b>	20/54	37	32/54	59	2/54	4

Para uma melhor compreensão do peso dessa variável na sistematização desse fenômeno, deve ser apresentadas as relações sócio-históricas em que se realizam as expressões linguísticas em Helvécia: Lá, as mulheres encontram-se em situação mais desfavorável ao processo de aquisição de estruturas da língua alvo (que podemos chamar de descrioulizantes), pois, ao contrário dos homens, ficam apenas restritas aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos. Os homens estão, pois, mais socializados com a comunidade externa, já que são eles que saem para trabalhar nos grandes centros urbanos e para venderem seus produtos agrícolas nas feiras das cidades próximas etc.

A partir do exposto acima, compreendemos os resultados expostos na tabela 10, em que encontramos um comportamento que destoa do inovadorismo das mulheres tendendo às formas padrão. Conforme vemos, as mulheres apresentam menos frequência de uso para a forma inovadora padrão, *nosso (a) (s)* (a forma com flexão de genitivo), na ordem de 22%. No mesmo sentido está o fato de que as duas únicas ocorrências das formas mais crioulizantes no dialeto, a forma *de nós*, terem sido encontradas em um único informante do gênero feminino, com idade de 85 anos, pertencente, portanto, a faixa III. É importante destacar que essa forma também é, conforme já expusemos anteriormente, na seção 3 deste artigo, uma forma desprestigiada.

Conseqüentemente, partindo da hipótese de que, na diacronia desse dialeto, argumentamos que a forma *de nós* foi sendo substituída pela forma sintética, na medida em que aumentava a sua relação com o mundo externo; da mesma forma, que a forma *a gente*, em franca expansão nas variedades urbanas entrou na estrutura linguística do dialeto, principalmente, na função de adjunto adnominal, já que, anteriormente a forma sintética *nosso* não era tão presente no sistema de marcação de posse.

A variável **faixa etária**, melhor ainda, permite-nos projetar historicamente o processo de difusão e propagação da mudança: *de nós/ nosso/ da gente*. Essa análise corresponde à observação de possíveis processos de mudanças linguística na comunidade de fala, feita através de verificação no chamado *tempo*

*aparente* (cf. LABOV, 1972). Ao considerarmos diferentes gerações de falantes, podemos verificar a covariação sistemática entre variáveis lingüísticas e sociais. Assim, a mudança lingüística é detectada se houver uma maior freqüência de ocorrências de formas inovadoras na fala dos mais jovens da comunidade e a conservação de formas mais antigas na fala dos mais velhos, configurando um padrão ascendente, ao passo que, num processo de variação estável, essa padrão é plano, correspondendo ao uso de formas inovadoras pelas faixas intermediárias. É revelador nesse sentido, em nossos dados, o fato de os jovens utilizarem a forma *da gente*, em um índice de freqüência bastante alto, 80%, indicando um processo de implementação dessa forma, conforme mostra-nos a tabela 12, a seguir:

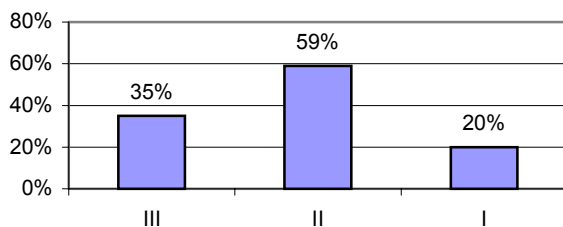
**Tabela 11** - Formas de expressão de posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável faixa etária do informante

Faixa etária	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso (a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%	nº. de ocor./T	%
Faixa I (20-40 anos)	4/20	20	16/20	80	-	-
Faixa II (41-60 anos)	10/17	59	7/17	41	-	-
Faixa III (mais de 60anos)	6/17	35	9/17	53	2/17	12
<b>TOTAL</b>	20/54	37	32/54	59	2/54	4

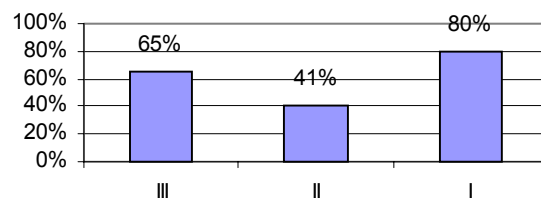
O dialeto de Helvécia, conforme vimos, passou por significativas alterações gramaticais, em virtude da influência do contato do português com línguas africanas presentes na comunidade do começo ao final do século XIX. A preferência pelo uso da forma *nosso (a)(s)* entre os informantes da faixa II, explica-se pelo fato de serem os informantes são os mais afetados pelo processo de urbanização e industrialização do Brasil que caracterizaram a realidade brasileira, daí serem esses que mais apresentam o uso da forma inovadora padrão.

Vemos, de acordo com a tabela 12, que a faixa III apresenta 65% de preferência de uso pelas formas analíticas, mas uma análise acurada dessa variável revela-nos um processo de mudança com duas forças concorrentes, pois ao mesmo tempo em que se implementava a forma *nosso*, implementava-se também a forma *da gente*, conforme gráficos 5 e 6:

**Gráfico 5** – Distribuição da forma *nosso gente* e flexões nas faixas etárias



**Gráfico 6** – Distribuição da forma *da gente* e flexões nas faixas etárias



Assim, vemos um processo em que a forma *da gente* encontra-se em vias de implementar-se no sistema de posse do dialeto, mas que, no passado, essa forma esteve em desvantagem em relação a forma *nosso*, coincidindo com o período em que a morfologia deve ter sido adquirida, evidenciando que realmente existiu um processo de transmissão lingüística irregular, com o uso da forma crioulizante *de nós*.

Os resultados para a variável **estada fora da comunidade** corroboram a nossa hipótese de que o contato com comunidades urbanas tenha afetado a estrutura lingüística do dialeto, pois aqueles informantes que mantiveram contato com variedades urbanas do português apresentaram uma preferência pelo uso da forma analítica formada com o auxílio da forma *a gente*, incorporando assim uma forma que, conforme vimos iniciou-se fora da comunidade, mas que nessa função de adjunto terá índice percentuais mais altos do que na nos centros difusores. Do mesmo modo, os que não viajaram, embora apresentem maior índice para a forma *nosso*, apresentam um total de 54% pelas formas analíticas, (quando contabilizados com a forma *de nós*) evidenciando que a gramática natural do dialeto tem preferência pelas formas analíticas:

**Tabela 12** – Formas de expressão de posse referente à primeira pessoa do plural, segundo a variável estada fora da comunidade

Viagens	Formas da expressão da posse					
	<i>nosso(a) (s)</i>		<i>da gente</i>		<i>de nós</i>	
	nº.de ocor./T	%	nº de ocor./T	%	nº de ocor./T	%
Sim	6/23	26	17/23	74	-	-
Não	14/31	45	15/31	48	2/31	6
<b>TOTAL</b>	20/54	37	32/54	59	2/54	4

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter contribuído para um melhor entendimento sobre a língua portuguesa do Brasil, a qual exibe um claro processo de diferenciação em relação à norma de Portugal, que, acreditamos ter sido originado pelas contribuições de diversos povos que estiveram presentes no processo de formação da nação brasileira.

Quanto ao sistema de posse, vimos que, no que tange à referência à primeira pessoa do plural, o mesmo comporta-se de forma variável, não obstante o que prega a tradição gramatical, ou seja, um sistema em equilíbrio, com uso exclusivo da forma sintética, *nosso (a) (s)*. Esse fato só vem reforçar a fragilidade e o artificialismo das descrições presentes nas gramáticas normativas, pautadas em padrões lusitanos, destoando da norma brasileira, principalmente, no que diz respeito às normas populares.

Vimos que o encaixamento lingüístico da forma *da gente* é determinado por fatores lingüísticos e extralingüísticos, sendo a co-referência com a forma de referência pessoal, o fator que se mostrou mais significativo para o uso dessa forma de indicação de posse. Nesse sentido, foi muito oportuna a investigação que realizamos sobre a implementação da forma *a gente*, no dialeto de Helvécia-Ba, pois encontramos, nessa comunidade de fala, um processo de difusão da mudança lingüística que difere daquele encontrado em outros dialetos urbanos, uma vez que, enquanto naquele a forma *a gente* encontra o contexto menos resistente na função sintática de adjunto adnominal, a que possibilita o aparecimento da forma *da gente*, nas variedades urbanas, esse é o contexto mais resistente à difusão da forma na estrutura lingüística, já que nessas predominam a forma *nosso (a) (s)*. Da mesma forma, foi importante terem sido encontradas ocorrências coma forma de nós em informantes do sexo feminino, o que reforçou a hipótese da importância do processo de transmissão lingüística no dialeto em questão.

Essa diferença encontrada no padrão de comportamento lingüístico das duas variedades do Português do Brasil fez-nos, em consonância com Lucchesi (2000, 2001), considerar a realidade lingüística brasileira constituída de dois subsistemas distintos – uma norma culta e uma norma popular – em que o primeiro se aproxima do modelo ideal de língua que configura a norma-padrão ainda vigente no Brasil, e o segundo compõe a norma falada pelas classes populares das comunidades rurais e urbanas.

## REFERÊNCIAS

- ALMADA, Maria Dulce de Oliveira. **Cabo Verde**: contribuição para o estudo do dialeto falado no seu arquipélago. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1961.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. Salvador. **Estudos lingüísticos e literários**, 19: 65-84, 1997.
- FREITAS, Judith; ALBÁN, M. Del Rosário. Nós ou a gente? **Estudos lingüísticos e literários**, 5: 179-194, 1986.
- GALVES, Charlotte. A gramática do português brasileiro. **Línguas e instrumentos lingüísticos**, Campinas: Pontes, 7: 79-96, 1998.
- KATO, Mary A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: Réplica a Perini. **D.E.L.T.A.**, v. 1 e 2: 107-120, 1985.
- KATO, Mary A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica In: KATO, Mary A. e ROBERTS, Ian (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp: p. 223-261, 1993.
- LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell Publishers, v.1, 1994.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**: percurso histórico. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado, 1999.
- LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Rio de Janeiro/ UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Lingüística, 2000.
- MACHADO, Márcia do Santos. Sujeitos pronominais nós e a gente em dialetos populares. In: **GRAPHOS**: revista da Pós-graduação em Letras. UFPB v. 2: 05-23, 1995.
- MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**: subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado**. Volume III. Campinas: Editora da Unicamp/ FAPESP, p. 149-213, 1993.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro/ UFRJ, Faculdade de Letras, 1982. Tese de doutorado.
- OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. Estereótipos da forma seu na língua oral. In: Silva, Giselle Machline de Oliveira e; SHERRE, Maria Marta (orgs.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.171-182, 1996.
- OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.183-215, 1996.
- OMENA, Nelize Pires de. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.309-324, 1996a.
- PERINI, Mário. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma abordagem funcional. **D.E.L.T.A.**, 1, 1 e 2: p 1-16, 1985.

